FIOS E TRAMAS DO TEMPO NA VIDA DOS/AS PROFESSORES/AS
narrativas de mestras de escolas rurais e urbanas[1]

Inês Assunção de Castro Teixeira
Universidade Federal de Minas Gerais

Carolina Alvarenga
Graduanda em Pedagogia e Bolsista de Iniciação Científica
Universidade Federal de Minas Gerais

Eu gosto do que faço. Mas é muito puxado, muito puxado mesmo! E agora eu estou tirando uma parte do meu tempo pra olhar o computador, meus e.mails....É a questão que você vai ter mais uma coisa para fazer.
(Profa. Marina)

É corridíssimo! A gente às vezes se atropela no tempo, justamente porque você tem que trabalhar com muita coisa (Profa. Jane).

Ela arrumou uma vaga pra mim.Longe! Tinha que atravessar o rio. Do outro lado do rio, aí que você trabalha. (Profa. Jane)

Introdução

[1] Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa intitulado "A experiência do tempo na condição professor em contextos rurais e urbanos" e conta com auxílio do CNPQ sob a forma de Bolsa de Produtividade em Pequisa e com uma Bolsa de Iniciação Científica.

Puxado, corridíssimo, atropelado... Com mais uma coisa para fazer...

São diversos e plurais. São densos e intensos. São singulares os tempos na vida dos professores, constituindo modos de ser, de viver e de habitar o mundo na condição docente. Seja aqui ou lá, *do outro lado do rio...*

Marina e Jane revelaram-nos isto ao nos emprestarem um pouco dos seus horários na escola para uma entrevista. Aos nos confiarem fragmentos de suas histórias. Com elas conversamos sobre a experiência dos seus tempos de professoras de escolas públicas rurais e urbanas, através de entrevistas semi-estruturadas, realizadas mediante os princípios teórico-metodológicos da História Oral. E no plano analítico mais geral, na perspectiva da Sociologia do Tempo, nos termos de Torre (1994)

Mas quem são essas professoras e por que as escolhemos?

Marina é professora de Química na Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte. É concursada e atua em dois cargos: um de professora e outro de coordenadora de área, eleita por seus colegas. Tem 25 anos de magistério. Ela é viúva, é branca, está na faixa dos cinqüenta anos e tem uma filha universitária. Fez graduação em Química na UFMG. É filha de pequeno comerciante, migrante italiano e lembra de ter aprendido com seu pai o gosto pelo conhecimento, pela cultura, pelas letras e artes.

Jane é uma professora de primeira a quarta, concursada e efetiva na Rede Estadual de Ensino. Vem de uma família de pequeno produtor rural. Seu pai é analfabeto e sua mãe semi-alfabetizada. Com os pais, lembra que aprendeu os valores religiosos e morais. Ela tem 13 anos de magistério, todos transcorridos em escolas rurais do norte de Minas, onde reside. Atualmente, está ocupando um cargo de P1 na Escola Estadual da Colina, uma escola rural, onde vai trabalha todas as manhãs. Jane é estudante de graduação do Projeto Veredas. Ela é parda, está na faixa dos 30 anos e ainda não tem filhos.

Quanto à escolha destas duas mestras para a pesquisa, deve-se à sua disponibilidade e às suas diferenças de idade, de gerações do magistério, de áreas e níveis de ensino e de formação profissional. E principalmente ao fato de Jane trabalhar em uma escola rural e Marina em uma escola de uma grande metrópole, permitindo comparações entre estes dois contextos, um dos propósitos do estudo.

As falas das duas professoras, trazidas na epígrafe, evocam a temática deste artigo: os fios e tramas do tempo na vida dos professores, tentando entendê-los em suas configurações na experiência de docentes de escolas rurais e urbanas. Neste trabalho, especificamente, nas vidas de Marina e de Jane, nossos dois "casos".

Como pressuposto teórico-analítico tem-se a idéia básica de que a noção de tempo é socialmente construída. Não é um *a priori* do pensamento humano, tal como analisado por Émile Durkheim (1989) para quem a noção de tempo é uma *categoria do pensamento lógico*. Apoiamo-nos, também, na proposição de Norbert Elias (1989) para quem a noção de tempo é uma *"síntese simbólica de nível superior",* socialmente aprendida. E ainda, nos termos de Bourdieu (1989) entende-se a noção e formas de cômputo temporal como parte do poder simbólico, dos jogos de poder, envolvendo interesses, tensões, conflitos.

A experiência do tempo, por sua vez, a entendemos como vivências da ordem das temporalidades, dos aconteceres, feitos e fatos significativos, significados e ressignificados pelos sujeitos, que lhes atribuem sentidos mediante seus registros culturais. Trata-se de algo da ordem das temporalidades e rítmicas da vida social e individual. A partir de Dubet (1994), para quem a experiência é um "trabalho" dos sujeitos no sentido de costurar as várias lógicas que se combinam na vida social e na ação humana, a experiência do tempo é também um "trabalho" dos sujeitos, no sentido de combinar as diferentes rítmicas e estruturas temporais dos contextos sociais em que estão inseridos e de suas vidas individuais.

Com tais pressupostos, dos fios e tramas da experiência do tempo na vida dos/as professores/as em sua manifestação nas vidas de Marina e Jane, destacamos dois aspectos para análise: os usos e distribuição dos seus *tempos cotidianos da rotina* e *tempos dos deslocamentos* exigidos no trabalho docente.

Sem qualquer pretensão de atribuir as reflexões das narrativas de Marina e Jane e às nossas considerações qualquer generalidade ou representatividade frente ao universo dos professores rurais e urbanos das escolas públicas do Ensino Fundamental e Médio de Minas Gerais nos dias de hoje, fomos trazendo ao texto longas falas de suas entrevistas, para que nele estivesse um sujeito falante, em lugar de um sujeito falado (Le Ven, 2004).

Tempos da Rotina: quando "todo dia é a mesma coisa"

A experiência do tempo sob o olhar sócio-antropológico apresenta em suas modulações, os tempos cotidianos. E neles, a rotina do dia a dia, transcorrida no fluxo das atividades humanas ordinárias, habituais, contextualizados em processos macro e micro sociais, individuais e coletivos, objetivos e da ordem da subjetividade humana.

Na experiência das professoras entrevistadas e de um modo geral, a duração da vida cotidiana aproxima-se da idéia de um tempo reversível, no qual os eventos e rotinas não possuem uma direção única. Eles expressam o caráter repetitivo da vida cotidiana, diferentemente do tempo irreversível, do transcurso da existência humana do nascimento à morte, temporalidade que se reveste de um tom de finitude. Os tempos cotidianos, da rotina, são tempos reversíveis, de curta duração, que inseridos na totalidade do percurso das vidas humanas, se repetem a cada dia nas práticas sociais, conforme Giddens (1998).

A rotina, tudo o que é feito habitualmente, é um elemento básico do dia a dia e uma das dimensões dos tempos cotidianos. Constitui-se de práticas sociais recorrentes, que estruturam a existência diária e a personalidade, gerando a "segurança ontológica" de que os sujeitos necessitam para não se perderem no emaranhado de suas vivências no mundo moderno. A este respeito Giddens (1998, p.XIX) assinala que "a rotinização é vital para os mecanismos psíquicos por meio dos quais um senso de confiança ou de segurança ontológica é sustentado nas atividades cotidianas da vida social." O autor, enfatiza, ainda, que tais fenômenos não podem ser tomados simplesmente como formas repetitivas de comportamento executadas "sem pensar". Ao contrário. Trata-se de um conjunto de práticas recorrentes, sobre as quais os sujeitos sociais tecem considerações, fazem interpretações e formulam entendimentos, mediante a reflexividade de que são capazes, que se expressa em sua discursividade e em sua consciência prática.

E como são os tempos cotidianos da rotina dos dias da semana destas professoras? E seus finais de semana? Como elas distribuem e utilizam estes tempos do dia a dia de suas vidas? Comecemos com este relato de Marina:

> Eu gosto muito do que faço. Mas é muito puxado, muito puxado mesmo! De manhã cedo, faço as coisas de casa. Às vezes arrumo as coisas de almoço, de tudo. Deixo tudo mais ou menos ajeitado. Ainda preparo minhas aulas, porque apesar de ter esse tempo todo de magistério, eu não venho pra minha sala de aula sem preparar minha aulinha, o que eu vou fazer. [...] Então, de manhã, eu fico nisso. E tem uma manhã, na quarta-feira, em que eu vou para a escola. As tardes eu venho todas pra escola. Eu chego na escola já meio dia e meia, e fico aqui até onze horas da noite, porque

> eu trabalho dois turnos todos os dias da semana. Todo dia. Quando chego em casa de volta, aí tem a minha filha, eu preciso de um tempo pra ela também: pra eu escutar, pra ver o que ela tem a dizer, porque a gente não encontra, praticamente. Ela sai cedo. Então, eu converso com a minha filha e vou dormir. Todo dia é a mesma coisa.

Passando aos relatos de Jane, há aspectos comuns e diversos se comparados aos de Marina, tanto porque ela é uma professora rural, quanto porque ela tem somente com um cargo na escola. Lá está ela todas as manhãs, o que representa a metade da jornada diária de Marina, que tem dois cargos na escola. Em compensação, Jane dedica algumas horas de seus dias de semana às tarefas acadêmicas de seu curso de graduação. Entre os pontos comuns de suas rotinas, estão a divisão rotineira dos tempos para diferentes tarefas e as suas jornadas de trabalho.

Mesmo estando em na zona rural e somente com um cargo na escola, Jane nos fala de um tempo corridíssimo que lembra o tempo puxado, no adjetivo de Marina. Ela registra;

> O meu tempo é corridíssimo, porque eu moro em dois lugares que são em Florestal e em Gameleira, município de Icaivera. E moro aqui durante a semana pra trabalhar. Então são três lugares em que eu tenho que estar quase ao mesmo tempo. Em três lugares ao mesmo tempo. Aí é assim: eu fico de segunda a sexta aqui em Florestal e no povoado da Colina onde está a escola onde trabalho. Quer dizer, eu amanheço o dia aqui, durmo aqui, e levanto cinco horas da manhã e pego o ônibus escolar e vou para o povoado da Colina. Lá eu fico até onze e meia, onze e meia termina a aula. Eu fico mais uma hora e meia na escola, porque ô ônibus só volta doze e meia. Então esse período é um período que eu fico lá, em que eu faço atividades extras. Tipo assim, reforço pros meus alunos, eu preparo alguma coisa, eu fico lá essa uma hora e meia, sempre em atividades, assim, pra ajudar o meu trabalho. E aí eu retorno pra cá, pra Florestal. E fico aqui, à tarde, em casa, porque eu só tenho esse cargo lá. E aí quando chega sexta feira, à tarde, aí eu viajo lá pra Gameleira, que é tenho a minha casa, onde está o meu marido. Eu volto pra Florestal, doze e meia e às quatro horas eu pego o ônibus e vou pra Gameleira. Lá eu fico sexta à noite, sábado e domingo. Na segunda de manhã meu marido vai me levar lá no povoado de Colina, de moto. Eu faço todo esse retorno da família, retorno da semana fora. E torno a retornar de novo na sexta, feriado, essas coisas.

Completando este seu relato sobre seus tempos da rotina dos dias de semana, Jane salienta dois outros aspectos. O primeiro é o de sua responsabilidade e compromisso profissional, que dela exige capacidade de organizar e cronometrar seu tempo:

> Eu já sou assim, eu tenho que cumprir. Eu tenho que fazer o que eu preciso fazer. Eu preciso de fazer isso, se a escola precisa, se o meu aluno precisa disso, eu faço isso. Eu não vou observar se passou do meu horário, se não passou, porque eu preciso vencer isso aqui. Isso aqui faz parte da minha obrigação. Porque eu tenho, assim, compromisso demais com os alunos.

> Preocupação demais com os alunos. E toda a questão da preparação também, porque eu acho que você entrar em uma sala de aula sem preparar é terrível. [...] Eu acho que dá pra você associar tudo. Eu acho que tem condições. Você sabendo cronometrar o tempo, dá pra você fazer tudo. Você não tira totalmente o seu lazer, você não tira nada. Porque, assim, exemplo da minha vida, eu estou em todos os lugares quase ao mesmo tempo e tudo. E eu ainda consigo fazer isso tudo, cronometar todo o meu tempo. Jamais eu entrei dentro de uma sala de aula sem meu plano. Jamais eu atrasei a entrega de um diário em secretaria. Eu cronometro todo esse tempo. [...] Quando eu tinha dois cargos eu também dava conta, porque eu colocava cada coisa em um tempo. Hoje tem que fizer isso agora. Tenho que fazer aquilo. Agora é isso, agora é aquilo. E eu ia anotando. Tem uma coisa interessante também que é anotar o principal, o mais urgente de fazer. Sempre eu gosto de fazer isso, sempre eu anoto. Isso, isso e isso. A prioridade. O que tem que ser feito mais rápido, o que pode esperar mias um dia. Toda semana. Agora, por exemplo, eu cronometro minha semana todinha. [...] E aí o que vai acontece? É que aí, eu fazendo isso, aí já sobra, pro meu estudo, os outros dias. Porque se eu ficar fazendo plano e estudando, fazendo plano de aula e estudando, eu não faço nem uma coisa nem outra.

Além desta arte de dividir, priorizar, organizar, cronometrar seu tempo, palavra repetida várias vezes por Jane, dentre outros elementos que ela enfatizou acima, há um segundo aspecto que ela destaca nesta parte de sua entrevista, também associado ao seu compromisso e responsabilidade profissional e de parte de seus colegas: o da *doação do tempo*. Jane enfatiza: [2]

> Eu vejo assim, tem muitos colegas que não tem doação de tempo. Não tem isso. É aquela coisa: *"Eu só cumpro o meu horário"*. Tem gente que tem isso: "*Eu cumpro o meu horário, passou do horário, nem mais um minuto"*. Eu já tive colega assim, a gente tenta trabalhar, mas é resistente demais. Assim, de chegar na escola e começar a folhear as matrizes, pra vê qual aquela ali que a colega fez e que serve para poder usar ali na sala. E aí faz toda aquela coisa correndo e aí isso não funciona. Colegas, assim, que quando toca o sinal, se ele já não tiver encima da moto pra ir embora, ele já está lá vestindo suas capas, suas coisas pra... E não tem toda aquela preocupação. Mas tem também aqueles, feito uma colega minha, que tem os dias da semana que ela vem de lá do povoado mais tarde, porque o marido dela trabalha lá também. Então, invés dela vir no ônibus, ela vem mais tarde com ele, de moto. E esse período ela fica com os alunos dela que vão lá na escola pra ela dar reforço pra eles. Nesse período que ela fica lá aguardando o marido dela. Então ela fica preparando matriz, preparando plano, preparando as coisas sempre ali em função da esfola, preparando alguma coisa pro aluno. Não é o período que você está remunerado. E você está ali preparando, você não está mais remunerado pra aquilo, mas você está fazendo aquilo, em função daquilo que você é remunerado. Então

[2] Esta expressão e entendimento de Jane remete-nos, em certo sentido, aos estudos que discutem a questão do da dedicação, do sacerdócio, da salvação, da maternidade que impregna os significados que os docentes, as escolas e a sociedade, em geral tem atribuído à docência historicamente.

> isso muitas vezes falta em alguns colegas que viram e falam assim: "*Ah, mas eu não ganho pra isso! Eu não vou fazer isso!*". Tudo bem. A gente respeita cada um, cada um faz... Mas como é que fica o trabalho? Como é que fica a qualidade do trabalho? E também se você souber fazer isso aí, isso não vai interferir tanto no seu tempo disponível, no seu tempo livre. Muitas vezes, até o seu tempo livre, ele interrompe até mais se você não preparar. Que fica uma coisa mais corrida, fica uma coisa mais vaga. E você tem que organizar seu tempo, pra você também não cair naquela coisa de ficar o tempo todo só em função do trabalho.

Ainda nos tempos da rotina dos dias da semana de Jane, agora no interior da escola e da sala de aula, sendo ela uma professora rural, há dois fatores específicos que também diferenciam seus tempos cotidianos dos de Marina, que além de estar em uma escola de grande cidade, já tem a graduação. Marina observa:

> Eu tenho grande experiência com multiseriada. Trabalhei muito com multiseriada. Aí peguei uma multiseriada, primeira série e quarta. Falei: "*não dá pra fazer um trabalho assim. Primeira e quarta a diferença é grande"*. Aí foi toda aquela dificuldade. Quando você quer trabalhar aquelas historinhas, as músicas, com os meninos de primeira, os da quarta ficam caçoando. Os maiorzinhos e, no meio rural, as vezes você tem uns rapazinhos já. E faz toda aquela avacalhação com sua aula. E eu passei por isso, mas eu sabia contornar direitinho: conversava com eles, e falava do respeito que eles tinham que ter com os coleguinhas. E me dei bem também. Não foi aquela coisa de grande dificuldade, não. Aí eu trabalhei na Escola Maria Mercês Ribeiro, que é na mesma região aqui, na mesma estrada ali do povoado da Colina. Na escola que tem pra cá.

Ao lado da realidade dos tempos concomitantes das turmas multiseriadas, nos quais as professoras têm que se dividir no trabalho com crianças e jovens em distintos ciclos de vida e momentos de formação e aprendizagem, em situação de carência material e de pessoal da escola. Jane precisava, também, exercer várias funções concomitantes nos seus períodos na escola. Ela nos conta ' *"toda essa história"* palavras que buscou para estas vivências:

> Comecei em 91 o magistério. Aí em 91 eu fui para aquela escola. Eu lembro que era uma escola pequena e tinha três professores, comigo quatro, e não tinha serviçal. A gente que tinha que fazer a merenda. Aí, nós éramos quatro, eram duas professoras de manhã e duas à tarde. Não tinha água na escola, tinha que levar a água de casa. [...] E aí foi quando eu trabalhei, eu falei que eu trabalhei num galpão, aberto, que só tinha uma sala, a escola. A escola tinha só uma sala, o galpão, a cozinha e o gabinete. Aí eu trabalhava no galpão e cuidava da cozinha, que era ali pertinho. E era fogão de lenha. Não tinha fogão a gás. Agora você imagina você pegar e colocar a mão lá a lenha, suja de carvão, e voltar lá e colocar a mão em caderno de plano. E não tem água pra lavar também não, que a água era apanhada na cabeça, longe. E a gente contornava toda essa situação. Mas aí de manhã ficava eu e ela e à tarde ficava mais duas. A gente dividia assim, porque não tinha como trabalhar tudo no mesmo horário, não tinha espaço. Aí eu fiz isso durante um ano e aí foi quando,

> assim, a gente leva aquela... A gente decepciona. Porque você estuda uma coisa que você vai aplicar em sala e quando chega lá você vai fazer merenda! Você vai cuidar de várias outras coisas que você tem que cuidar que sai um pouco daquilo que você sonha fazer. Mas mesmo assim a gente tentava conciliar. E os alunos também, os alunos são muito bons.

Completando os longos, intensos, concomitantes e corridos tempos cotidianos de Jane, estão os de seus estudos:

> Ah, eu tenho um tempo pro Veredas. Eu faço tempo pra ele. Ele entra a tarde, quando eu chego. Depois que eu preparo a minha aula eu estudo. [...] Aí eu mesma faço meu tempo e disciplino meu tempo em casa. Leio muito. Nunca deixei de ler um livro do módulo todo. Todo, todo. Leio, resolvo as questões e aí quando chega a prova. Que todo mês a gente faz, e eu rascunho a prova todinha, tudo e aí, com toda essa correria minha ainda ajudo os colegas. Os colegas vêm me pedir ajuda.

E os finais de semana? Como Marina e Jane os vivenciam? São realmente mais leves, livres e desocupados, como se espera? Comecemos por Marina:

> Fim de semana eu tiro pra mim. Muitas vezes eu tiro pra mim. Deixo pra lá casa, deixo pra lá escola, quando eu tenho que sair. Eu gosto muito de ir ao teatro, eu vou. Quando eu tenho dinheiro também, porque nem sempre dá. Eu vou, quando eu tenho possibilidade, eu vou. [...] Também dou umas loucas, de vem em quando, quando tenho dinheiro, vou , viajo. Agora eu estou tirando, também, eu tenho que tirar alguma parte do meu tempo pra olhar o computador, meus e.mails, que às vezes a gente recebe muito. Durante a semana, às vezes, eu sento aqui na escola, mas não tenho tempo, porque aqui é uma correria. A gente fica direto dentro da sala de aula, praticamente, e quase não tem tempo. Então, eu tenho que tirar, às vezes, eu tenho que pegar esse tempo de manhã pra fazer isso, porque você tem que olhar, porque alguém mandou alguma coisa. [...] Então, eu preciso estar olhando também, eu vou nos sites pra ver, na Universidade, pra ver se tem alguma coisa interessante, passar pros meus colegas, pra mim mesma e tudo. É puxadinho!

De um lado, diferenciando-se de Marina, o fim de semana de Jane é o tempo do retorno à família, de voltar para casa. De outro, à semelhança desta colega, é também um tempo para desligar-se do trabalho. Jane observa:

> Engraçado, sábado e domingo eu vou para casa e não levo um lápis. Porque como que eu vou ficar a semana toda fora e ainda sábado e domingo eu vou mexer... Chegar em casa, que é o tempo que eu tenho disponível pro meu marido, eu vou Enfiar a mão nos materiais? Não. Eu nem levo Caderno de Plano pra casa sábado e domingo.

Ao lado destes traçados que modulam a experiência do tempo da professora rural e daquela da cidade, Marina chamou atenção para um outro elemento, que independente destes dois contextos, modulam e diferenciam a experiência do tempo em geral e dos professores em particular: a dimensão do gênero. Ela observa:

> Claro, gente! Oh, meu Deus, é claro que tem diferença no tempo da professora e do professor! O homem sai de casa, até hoje, e pronto, vai pro trabalho. A mulher sai de casa, ela tem que ficar preocupada com filho que ficou lá; levar o menino na escola; buscar o menino na escola; se a empregada foi, se não foi, se ela tiver empregada. Um monte de coisa. O tempo da professora é diferente do tempo do professor. Muito diferente. E eu não estou querendo ser feminista não. É a verdade nua e crua.

Depois de enfatizar que as experiências temporais femininas são muito diferentes dos professores, dentre outros motivos porque as professoras têm laços e preocupações específicas com a casa e os filhos, Marina chama a atenção para um outro problema:

> Nós não temos dupla jornada, nós temos tripla jornada. Quando a gente trabalha dois turnos e etc. O professor, o homem, não. Acabou. Ele saiu de casa, pegou a pastinha dele e veio pro trabalho. Chegou em casa, o máximo que ele vai fazer é preparar aula e corrigir trabalho. Ele está com tudo pronto. [...] É muito diferente. A gente ainda, apesar da profissão estar cada vez mais feminina, até no magistério, apesar de ser uma profissão feminina, o tempo da mulher é diferente do tempo do homem. Com certeza isso é verdade. A gente vê claramente isso aqui.

Marina se lembra, também, de outras questões que atingem de modo distinto as professoras e professores, a partir de suas observações do dia a dia da escola: o adoecimento e o sentimento ou a sensação de que a professora está dividida. Ela registra:

> E outra coisa, assim, que eu acho que deveria ser pesquisada é a questão, por exemplo, das licenças médicas. A professora, ela adoece muito mais do que o professor. E a mulher, também, acho que ela tem uma relação diferente com o filho. Você, por exemplo, se você tiver com o filho doente, você não tem condição de pegar a sua pastinha e vir trabalhar. O homem faz isso. Ele pega a pastinha e vai trabalhar. A mulher não tem, vamos dizer assim, ela não tem esse sofrimento, de o filho estar doente ou qualquer coisa, e vai largar o filho. Então, ela tem a questão da casa, que ela ainda coordena toda a questão da casa e ela tem a questão profissional.E eu acho que isso também interfere muito no que ela produz aqui dentro. Ela fica dividida, sabe? Ela é dividida entre o que ela tem pra fazer em casa, nas responsabilidades que ela tem com os filhos, com a própria casa e aqui. Eu acho que se essas responsabilidades fossem divididas, se ela tivesse menos responsabilidades fora da escola, ela também poderia estar produzindo mais aqui dentro da escola.

Estes extratos das entrevistas de Marina e Jane reafirmam algumas das particularidades da experiência do tempo na vida dos professores, analisadas em outras pesquisas. Dentre elas se destacam, em uma breve síntese:

- seja para a professora rural ou da cidade, o tempo do trabalho é *o eixo estruturante dos tempos docentes.* E suas jornadas ultrapassam os tempos na escola ou diante dos alunos, pois os mestres, em sua maior parte, têm longos períodos de trabalho docente fora da escola. Estes tempos, não remunerados, representam boa parte de seus tempos da rotina, o que não ocorre com outros segmentos dos trabalhadores. Além disto eles elevam os níveis de exploração do trabalho docente frente a outros assalariados, no sentido do tempo de trabalho não pago aos professores;

- no interior da escola, os tempos dos professores rurais e urbanos se diferenciam dos da cidade, entre outros motivos, pela existência *de turmas multiseriadas e pelas funções escolares não docentes,* que os primeiros costumam ter que assumir;

- embora os professores das cidades grandes e médias também tenham que se *transportar para a escola,* para os rurais este problema é mais grave devido a escassez e precariedade dos meios de transporte, o que aumenta seus períodos diários gastos com transporte, além dos gastos financeiros com os mesmos;

- para os *professores rurais* que moram junto da escola, há o problema da *distância de suas famílias*, de um lado, e, de outro, há *uma perda da privacidade*. Seus tempos privados ficam prejudicados, diminuídos, comprometidos, quando ali residem. Os mestres sempre são vistos, procurados e observados como professores, tendo restrita sua privacidade e liberdade onde residem. O *ethos* profissional e do trabalho, próprios dos tempos da vida pública, governa e subsume todos os momentos e rotina dos dias da semana, estando ou não o mestre dentro da escola;

- o aspecto do *compromisso e da responsabilidade profissional*, presente nos relatos das duas professoras, no caso de Jane parece estar associado à idéia do *magistério como sacerdócio e dedicação incondicional* à escola e aos alunos, tal como se vê em suas colocações sobre o tempo doação. De outra parte, a existência destes tempos de atividade não remunerada, tão comum entre professores, é para muitos deles um fator necessário à qualidade de seu trabalho. Sendo assim a qualidade se deve a uma superexploração dos

tempos de trabalho docente o que parece ser algo natural para alguns docentes e no imaginário social, ao invés de ser uma questão a problematizada e superada;

- as duas professoras falam de um *tempo muito ocupado*. Daí seus sentimentos de um *tempo corrido, puxado, que atropela*. Ao mesmo tempo, Jane afirma que lhe *falta tempo para preparação*, para melhorar seu trabalho. Este sentimento de Jane é muito significativo, pois não esperávamos encontrá-lo em uma professora do mundo rural, nos quais os ritmos da vida social deveriam ser originariamente mais lentos e menos intensos. Também não era de se esperar este sentimento de uma professora que na época estava apenas com um cargo na escola, apesar de estar fazendo sua graduação;

- sendo mulher e mãe, e trabalhando em dois cargos, como um contingente crescente de professoras, Marina tem *três jornadas de trabalho e não duas*. Depois de passar todas as tardes e noites, e ainda uma manhã na escola, ela se dedica à filha. Neste aspecto do gênero, que atravessa, modula e diferencia a humana experiência do tempo não apenas dos professores, e por razões diferentes de Marina, Jane também está preocupada com o fato de estar morando fora de casa durante a semana. Por certo que se fosse um professor, homem, estas questões não existiriam ou teriam outra importância, manifestação e encaminhamentos.

Tempos dos deslocamentos: do transporte a cavalo à internet

Nas modulações da experiência docente dos tempos cotidianos da rotina vê-se, ainda, nas vivências das duas professoras, seus períodos de deslocamentos de casa para o trabalho e vice-versa. E, também, outros tipos de deslocamentos exigidos no trabalho docente, como os períodos na internet. Embora este aspecto, dos períodos de deslocamento em função do trabalho se apresente de forma diversa na experiência das duas professoras, o fator rural /urbano é insuficiente para deslindar tais modulações. Sobretudo porque os deslocamentos pela rede, rompem as fronteiras espaciais, aprofundando a separação entre tempo e espaço. Operando nesta disjunção eles instauram uma experiência de tempos de deslocamento que podem ocorrer em contexto do campo ou da cidade.

Professora rural há 13 anos, como suas colegas, Jane morou alguns anos junto das escolas onde trabalhava, em casas alugadas pelas professoras ou em casas dos donos das

fazendas onde as escolas se localizavam. Neste caso, seus deslocamentos espaciais ou seu problema de transporte era nas segundas-feiras (ou às vezes no final do domingo) e nas sextas-feiras, quando retornava da escola para casa. Era assim, porque para ficar perto da escola, ela morava longe de sua família durante os dias da semana. Nessa distância, é provável que Jane precisasse fazer um deslocamento mais afetivo e emocional, visto sua distância espacial de sua casa. Ela relembra:

> Eu morava aqui em Florestal, mas, assim, vinha pra Florestal só no final de semana. Durante a semana tem que ficar lá porque não tinha transporte. Morava na casa. Nós arrumamos uma casa. Alugamos uma casa pra eu e mais duas, porque uma já tinha família lá, morava lá. Aí eu e mais duas alugamos um quartinho. E a gente morava lá, lá nós colocamos as coisas, levamos colchão. Aí você dorme no chão, coloca colchão no chão e dorme. E você vive toda aquela vida ali. [...] E final de semana a gente vinha pra Florestal. [...] Aí, tornava a retornar no domingo à noite ou segunda de manhã. Aí que vem toda a dificuldade de quem trabalha no meio rural. A questão do transporte. É complicado. Você perde muito tempo nas estradas. Em questão de transporte. A gente vinha pra cá e aí você perdia o domingo. Se você achasse uma carona no domingo você era obrigada a ir no domingo. Na segunda você tinha que estar lá cedo. Então você tinha que ir no domingo ou você tinha que ir na segunda de madrugada, pegando qualquer tipo de transporte que você encontra.

Em épocas passadas, Jane morava em uma pequena cidade do norte de Minas Gerais e lecionava em uma escola rural distante, para onde ia diariamente,com dificuldades. Se quando ficava perto da escola ela estava distante da família, nesta outra situação, seu problema era os longos períodos e a precariedade dos transportes no percurso entre sua casa e a escola nos finais de semana. Ela relata:

> Eu já vim de escolas que eu trabalhava, até hoje se precisar a gente vem, de trator. Você assenta ali encima e vem ali... Gasta horas e horas você encima daquele trator, porque ele não anda. E várias vezes eu já fui pra roça de trator, com as minhas coisas pra trabalhar e tudo, porque era a única forma. Já andei a cavalo que é uma coisa que eu tenho pavor. Mas tinha que andar a cavalo, que não tinha jeito! Inclusive lá nessa escola, porque os ônibus não chegam até o seu destino. Às vezes tem ônibus, mas ele te deixa numa distância, não é? Mas aí entra todo aquele cuidado que a comunidade tem com você. Aí: *"Ah, pode ir, porque tal dia a gente vai aí e você vem a com a gente."* E já vai cavalo pra buscar a gente. [...] Arrumava aquele cavalo mais calmo, mais gordinho, pra eu não machucar. E eu andava. E tem várias coisas que você faz assim, nesse trajeto, porque você é obrigada a fazer, porque você mora distante de onde você trabalha. É uma das dificuldades assim que eu acho bem grande mesmo, do professor do meio rural. E uma vez que você não tem também um apoio nesse sentido. Porque qual a diferença, por exemplo, igual os professores que trabalham aqui. Oh, para você poder imaginar. Igual um professor que trabalha aqui, que mora aqui. Nós moramos aqui e temos que trabalhar no

> povoado da Colina. Aí, a gente levanta cinco horas da manhã. Cinco horas da manhã pra poder estar sete horas na escola. E, enquanto quem trabalha aqui, pode levantar seis e meia. E o salário é o mesmo.

Neste seu relato, além dos longos períodos de percurso para a escola, das dificuldades neles enfrentadas e da precariedade dos transportes, Jane ressalta um outro grave problema para os professores rurais: as despesas com estes deslocamentos:

> O salário vai embora. Depois a gente, você vai entender minha história. Eu gasto mais de oitenta reais com salário, com transporte. Mais de oitenta reais eu gasto com transporte e não tenho esse acréscimo no pagamento. Então já é uma coisa, assim, que te deixa assim decepcionada em relação, quando você vai olhar os colegas que trabalham aqui. E aí vem toda essa história quanto a trabalhar no meio rural. Meu salário é de P1. Eu recebo na faixa 450,OO líquidos, com as vantagens. Já o nosso básico nosso é 212,00 e ainda tenho que gastar 80,00 com transporte! E o salário é o mesmo. Não tem uma porcentagem pra quem trabalha no meio rural. Não tem um vale transporte, não tem um vale refeição...

A distância entre os locais das escolas rurais e as localidades onde moram, deles exigindo longos deslocamentos ou o afastamento de suas famílias, é um dos diferenciais da experiência do tempo na vida dos professores do campo e das cidades. E no caso de residirem junto das escolas, ocorre um outro tipo de problema para os docentes do campo: todo o seu tempo dos dias da semana fica em função do trabalho. Não há aonde ir, não há muito o que fazer que não seja relacionado com a escola, com o papel de professor. Seus tempos de vida privada se reduzem, quando não se extinguem. E se de um lado as mestras são reconhecidas e valorizadas pela comunidade local, como Jane nos dizia, de outro, sendo elas uma referência intelectual, ético e moral, estão sempre expostas aos olhos, às expectativas e ao julgamento da comunidade local. Nesta situação, de morarem junto da escola, seus tempos fora do trabalho estão em simbiose com os tempos em casa, misturando-se os tempos de suas vidas públicas e privadas.

Passando à experiência temporal de Marina, como outros professores de escolas de grandes cidades, também se gasta tempo e recursos com transporte entre casa e escola. Pode haver, também, grandes deslocamentos entre a casa e o trabalho, ainda que com menos dificuldades do que os professores rurais, como Jane pontuou. Contudo, o que mais nos interessa no caso de Marina, é um outro tipo de tempo de deslocamento, associado ao

desempenho do trabalho docente: seus períodos na internet, uma outra viagem. Embora Marina tenha dito que gosta mais do papel, ela relata:

> Olha uma coisa: a internet pra mim é uma ferramenta. Eu não gosto de navegar, eu não gosto de ficar no bate-papo. Isto eu não gosto. Agora, eu preciso da interne, entendeu? Por que? Porque é o acesso mais fácil pra um monte de informações que eu preciso. Igual eu disse ali, eu entro em contato com pessoas, às vezes mais rapidamente, pelo e.mail, porque, às vezes, pelo telefone, você nem consegue encontrar a pessoa e falar. Mas você deixa seu e.mail, a pessoa, com certeza, vai ler e te dar uma resposta. E pra eu saber das coisas, inclusive par eu trazer pra escola. Muita coisa, por exemplo, pras minhas aulas serem enriquecidas, eu uso a internet. Muita coisa que eu pego. Eu assino revista também . [...] Eu prefiro assinar, porque eu vou lendo com mais atenção. No computador, muitas vezes, você tem que passar rápido, dar uma olhada, porque você não tem tempo. Muitas vezes eu gravo, passo pra minha pasta lá, vou pegando tudo, depois eu desligo da internet e leio. Mas mesmo assim, eu acho mais demorado [...] Mas a internet pra mim é uma ferramenta de trabalho. Agora, eu também gosto muito dos joguinhos. Adoro jogar paciência. Eu distraio. Quando eu não tenho nada para fazer. Às vezes, eu estou assim, eu entro lá, jogo umas paciências lá. Num instantinho eu acalmo.

Ainda quanto aos seus tempos, usos, sentimentos e relações com a internet, Marina acrescenta outros elementos importantes.

> O problema é que hoje você não pode se negar a usar.Você não tem essa opção, entendeu? [...] O mundo está passando por um monte de transformações baseadas nessa questão da informação. Então, não é questão que você não queira usar, que você tenha vantagens e desvantagens. A questão é que você não pode deixar de usar, entendeu? Não tem jeito. Agora, pra mim, é isso que eu disse. Pra mim, só é uma ferramenta de trabalho. Agora, quais são as desvantagens que eu acho? A desvantagem da internet ou do computador, é a questão que você vai ter mais uma coisa pra fazer. Eu tenho mais uma coisa pra fazer. Eu tenho que ir lá, tenho que abrir o computador, eu tenho que olhar meu e.mail, eu tenho que responder. Eu tenho mais uma coisa durante o meu dia de trabalho. E não é um negócio que, por exemplo, eu posso deitar lá na minha cama, relaxando,igual eu pego um livro. Antes de dormir, eu leio dez minutos e eu estou relaxada, vou e durmo. Não! Você tem que ir lá, ligar o computador, sentar na frente dele, esperar entrar. Então, eu acho que é mais uma coisa no meu tempo. Não tem jeito de você se recusar a usar. Eu acho que não tem, porque, como eu disse, é o que está mandando na sociedade, no mundo agora, é a questão da informação.

Quanto à sua forma de usar a internet, como uma professora de Ensino Fundamental e Médio, Marina pontua:

> Ah, eu não sinto, assim, eu não fico incomodada. Eu acho que é mais um tempo na minha vida que eu ... E que nesse tempo eu podia estar realmente fazendo uma outra coisa. Mas eu acho que não é assim, um bicho de sete cabeças, não. Porque eu uso a internet, o computador, muito racionalmente. Eu não uso como as outras pessoas, com aquele desespero. Não. Pra mim, é racional. Se eu deixar de responder um e.mail seu, eu não vou ficar desesperada porque eu não respondi, não. Não sou uma pessoa que estou vivendo em função daquilo. Como eu disse, é uma

> ferramenta pra mim. Eu acho que ela é uma ferramenta que você não pode se recusar a ter, mas ela não é a principal ferramenta. Então, assim, ela não modificou a minha vida, nem me deixou traumatizada. E também eu suo há muito tempo, desde quando fazia a minha graduação, na Universidade. [...] Mas é como eu estou te dizendo, eu nunca fui deslumbrada. Eu uso isso aí pra mim, como uma ferramenta. Uma excelente ferramenta, por sinal. Eu não posso desconsiderar isso não. [...] Esse tempo pra mim, é um tempo de trabalho e de formação, de adquirir informações. É isso aí. Não tem outra. [...] E a parte dos joguinhos nem entra na internet. São aqueles do computador. Às vezes, eu estou no intervalo de uma aula pra outra, eu sento lá e jogo um joguinho de paciência, no intervalo dos tempos: "*Oh, menina, fechei a paciência. Que bom!*." Aí saio de lá, entendeu?

Seguindo em suas considerações sobre estes tempos de deslocamento dos professores pela internet, e depois de observar que eles e elas têm diferentes maneiras de se relacionarem com o computador e a internet, Marina registra que ele ainda não é uma ferramenta usual para todos os colegas, ou imprescindível para todos. Ela tem razão. A experiência de Jane é nesta direção, pois ela se inclui no conjunto dos que ainda não os utilizam.

Comparando-se a situação de Marina e de Jane a este respeito, se para Marina não há opção de não usar o computador e a internet no exercício da docência nos dias atuais, no caso de Jane é o inverso: embora o deseje muito, ela não tem opção de usá-los. Seja porque não tem recursos financeiros para adquirir o equipamento, seja porque a escola onde trabalha não os disponibiliza. Jane salienta:

> Não, eu não uso computador. E internet, menos ainda. E aqui na escola, ninguém usa nenhum dos dois, porque falta condição de comprar. É por isso! E como eu tenho vontade de comprar! Nossa Deus! Tenho a maior vontade! [...] Lá na escola tem computador, mas, assim, nos inclusive começamos a utilizar através de um projeto chamado ProInfo. Nós utilizamos, aprendemos como trabalhar com o computador com os alunos e tudo. Só que lá tem, parece que são oito ou dez computadores. Tem. Lá tem o núcleo de informática. A única escola do meio rural que tem também é lá. E aqui, dentro de Florestal só tem três escolas que tem. Uma que é lá no meio rural e duas no meio urbano que é essa escola aqui. Então só tem essas três dentro do município todo. Mas não está ligado à internet. E, mesmo assim, nós colocamos uma disciplina lá Iniciação à Informática. De quinta a oitava pros alunos poderem, não é? Terem mais condição. Aí, depois, o governo agora cortou porque não vai, não vai arcar com as despesas, a escola não tem como arcar e aí fica parado. Só tem um utilizado para a secretaria. Aí as secretárias usam pro serviço. [...] O da escola você não pode usar, porque não tem verba pra isso. Não tem pra manutenção do computador.

Este relato de Jane demonstra que o seu salário e de seus colegas, é insuficiente para a aquisição de seus próprios computadores, além de evidenciar que os governos desamparam os docentes e as escolas, também nesta questão.

Estes distintos tipos de acesso e relações com o computador e com a internet e os relatos anteriores de Jane sobre seus deslocamentos entre escola e moradia, sugerem algumas considerações analíticas sobre estes seus tempos de deslocamentos da rotina de seus dias. Há uma concomitância de ritmos e tempos nos períodos de deslocamentos das professoras. Enquanto uns navegam na internet, outros se deslocam a cavalo, trator, bicicleta, além de motos, ônibus, kombis, carro, reafirmam a multiplicidade da experiência temporal dos deslocamentos no mundo contemporâneo em que os docentes se inserem.

A experiência de Marina, de intimidade e rotineira utilização da internet, vinda de longa data, é oposta à de Jane, que sequer tem acesso a estes equipamentos, tecnologias e linguagens, apesar de seu desejo de tê-lo. Esta disparidade evidencia, também no universo dos professores, desigualdades de acesso aos bens materiais e simbólicos, e não apenas diferenças. Enquanto Jane tem dificuldades básicas para deslocar-se para o trabalho e enquanto nas escolas onde leciona ainda é impossível o acesso aos computadores e internet, Marina, como muitos de seus colegas, navega com naturalidade, facilidade e freqüência na rede.

Há que considerar, ainda, que também neste aspecto, o fator rural / urbano tem pouco valor explicativo e importância para se compreender tais desigualdades. Há outros fatores a observar, visto que o acesso à informática pode ser feito tanto em um quanto em outro destes dois contextos. Dentre eles estão os níveis de salários dos professores, sua origem familiar e de classe e o fator política educacional, no sentido de que inexistem políticas públicas gerais ou especificamente educacionais que intervenham nestas distorções, nestas novas formas de exclusão social, a digital. Nesta nova modalidade de analfabetismo, de discriminação e hierarquização do acesso aos bens materiais e simbólicos.

Quanto a seus tempos e de seus colegas na rede, a que Marina se refere, um dos aspectos que neles ressalta, aproxima-se do que Pierre Levy (2000) nomeou como "caçada". Trata-se dos tempos na internet em que o usuário está à procura de uma informação precisa, rápida e objetiva. De outra parte, se este pode ser um tempo para uma

informação rápida, agilizando o trabalho docente, ele representa, também, mais trabalho, ampliando suas jornadas de atividades docentes em casa.

Vê-se, pois, que na coexistência de ritmos e diversidade dos períodos dos deslocamentos da rotina destas professoras, enquanto Jane conseguiu uma vaga em uma escola longe, na qual para chegar tem que *atravessar o rio,* Marina está atravessando o mundo. Sem sair de casa, nos seus tempos de rotina ela navega na internet, tendo agora *mais uma coisa a fazer*.

Considerações Finais

Nestes fragmentos de suas experiência do tempo e histórias que Marina e Jane nos confiaram e dialogando com outros estudos desta temática, destacam-se alguns elementos aqui sintetizados:

- embora sua importância, *o fator rural /urbano não é suficiente* para deslindar as modulações, semelhanças, diferenças, singularidades e matizes da experiência do tempo na condição docente. É preciso levar em consideração outras ordens de fatores e circunstâncias, dentre eles: o número de cargos e/ou dobras do docente nas escolas (isto é, o número de horas de trabalho na escola que constitui sua jornada de trabalho semanal); as clivagens de gênero, de idade, de geração do magistério (tempo de magistério) e ainda clivagens de origem social, familiar e étnico-raciais de cada professor e de grupos deles, aspectos que fugiam do propósito analítico deste trabalho;

- estejam eles e elas nas escolas do campo ou das cidades, *a experiência temporal dos professores e professoras inscreve-se na pluralidade e na especificidade dos tempos escolares*, modulados por uma rítmica própria, inscrita nos currículos, nos horários, nos calendários, nos critérios de constituição das classes ou turmas de alunos, mediante critérios de seriação, de ciclo, de multiseriação ou outros;

- a experiência do tempo na condição docente e na experiência humana em geral. têm *dimensões instituídas e instituintes*. Neste sentido, ao mesmo tempo em que os docentes obedecem a pautas rítmico-temporais das escolas, eles e elas não apenas reproduzem-nas, mas as alteram. Os docentes as significam e ressignificam individual e/ou

coletivamente, dando-lhes diversos sentidos, direções, orientações em termos do tempo quantitativo e em termos qualitativos;

- *os tempos docentes do âmbito da escola e do trabalho, misturam-se, articulam-se, completam e, por vezes, tensionam com outros tempos e rítmicas* da vida social dos professores. É o que se observa, por exemplo, nas dificuldades de Jane ao ter que se afastar de casa para morar perto da escola ou em Marina que só pode estar com sua filha tarde da noite, ao retornar de seus dois turnos de trabalho diário na escola;

- os tempos cotidiano,da rotina dos dias da semana e dos finais de semana, têm *aspectos comuns e diversos na experiência das duas professoras e no professorado em seu conjunto.* Dentre eles, os meios e os períodos ou tempos de deslocamento real entre escola e casa e os deslocamentos virtuais necessários ao desempenho do trabalho docente. Neste caso, dos tempos na internet, há uma desigualdade de acesso entre os professores. Pode-se falar, portanto, de um continuum que vai desde aqueles que não a utilizam até os que o fazem diariamente, variando também os significados, as finalidades do uso, os modos de utilização e das formas de relação que os docentes estabelecem com o computador e com a internet.

Por fim, deve-se considerar que a experiência dos tempos docentes, onde seja, está articulada e circunscrita às especificidades das temporalidades e rítmicas escolares, que se inscreve, por sua vez, nas modulações, estruturas, tensões e conflitos temporais predominantes na dinâmica social. Na contemporaneidade, ordenamentos temporais marcados pela hegemonia da lógica mercantil com cadências próprias da racionalidade, da produtividade e da lucratividade que se tornam universais, transbordando por todos os espaços e instituições, entre eles a escola.

"Aos poucos a razão instrumental articula os espaços e tempos, modos de produzir e consumir, ser e viver, pensar e imaginar", conforme Ianni (1996, p.64). Ainda na expressão do autor, "a razão instrumental torna-se eletrônica", erigindo um mundo, um tempo em que o princípio da quantidade se desdobra sobre todas as atividades e práticas sociais, marcando a produção cultural, os modos de viver e de ser, as visões de mundo, as formas de sociabilidade. Fios e tramas do tempo que podem também ser dramas.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

DUBET, Françoise. *Sociologie de l'experience*. Paris: Editions Du Seuil, 1994.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa:* o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIAS, Norbert. *Sobre el tiempo.* Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1989.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

IANNI, Octavio. Formas sociais do tempo. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 37, p.57-62, 194.

LE VEN, Michel. *Ciência, política e afeto*. (Registros de aulas de Curso. Belo Horizonte: 2004)

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34: 2000.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. *Tempos enredados*: teias da condição professor. Belo Horizonte: FAE / UFMG, 1998. (Tese, Doutorado em Educação)

TORRE, Ramón Ramos (org.) *Tiempo y sociedad.* Madrid: Siglo Veintiuno de España Editores, 1992.